

AMAZÔNIA
Igreja da Comunidade
Metropolitana

HISTÓRIA DA ICM

Uma Visão Geral

Este documento em quatro partes foi lançado no outono de 2004. Compilado a partir de entrevistas e escritos do Rev. Elder Troy Perry, fundador e moderador da Igreja da Comunidade Metropolitana (Metropolitan Community Church – MCC), esta série conta a história dos primórdios da ICM sob sua perspectiva.

Introdução

Em 1968, um ano antes dos motins de Stonewall em Nova York, uma série de eventos improváveis no sul da Califórnia resultou no nascimento do primeiro grupo religioso do mundo com um ministério positivo e primário para gays, lésbicas, bissexuais e pessoas transgênero.

Esses eventos — um relacionamento fracassado, uma tentativa de suicídio, uma reconexão com Deus, uma profecia inesperada e o nascimento de um sonho — levaram ao primeiro culto da ICM: uma reunião de 12 pessoas na sala de estar do Rev. Troy Perry em Huntington Park, Califórnia, em 6 de outubro de 1968.

Esse primeiro culto em um subúrbio de Los Angeles em 1968 lançou o movimento internacional das Igrejas da Comunidade Metropolitana, que hoje cresceu para 43.000 membros e adeptos em quase 300 congregações em 22 países. Durante os últimos 36 anos, o testemunho profético da ICM mudou para sempre a face do Cristianismo e ajudou a impulsionar a luta internacional pelos direitos e igualdade LGBT.

Esses trechos editados são do livro "The Lord Is My Shepherd, And He Knows I'm Gay" (O Senhor é meu pastor, e Ele sabe que sou gay), de autoria do fundador e moderador da ICM, Rev. Troy D. Perry.

Prelúdio

No início da década de 1960, o Rev. Perry foi destituído como clérigo por uma denominação pentecostal devido à sua homossexualidade. Ele passou os anos seguintes lutando para reconciliar sua sexualidade com sua espiritualidade cristã.

Na Parte I, o Rev. Perry descreve os eventos que precederam o primeiro culto da ICM:

- Um romance fracassado.
- Uma tentativa de suicídio.
- Uma reconexão com Deus.
- Uma profecia inesperada.
- E o nascimento de um sonho…

Parte 01

Troy Perry havia se apaixonado profundamente por um jovem chamado Benny. Perry ficou chocado quando Benny chegou em casa um dia e anunciou que o relacionamento havia terminado.

Eu olhei para ele e perguntei: "Benny, está realmente acabado?" Ele olhou para mim, sorriu e disse: "Sim, está." E aquilo soou tão definitivo. Meu mundo simplesmente desmoronou. Eu me senti completamente perdido.

Eu me senti um fracasso total em tudo. Sentia que não havia ninguém com quem eu pudesse conversar. Eu me senti isolado de todos. Nada parecia valer a pena. Nada tinha valor. Parecia não haver futuro. Apenas escuridão.

Mas eu queria me recompor. Fui ao banheiro e fiz a barba. E então comecei a chorar. Eu simplesmente não conseguia parar. Sentei-me e solucei. Eu me senti nu, e não havia absolutamente ninguém ao meu redor. Eu me senti abandonado por todos e por tudo que eu já conhecera. Era desesperador — inútil até mesmo tentar seguir em frente. Eu nem conseguia me lembrar de Deus. Eu sentia como se Deus não existisse, então por que tentar orar? Eu havia perdido algo — alguém — que eu amava mais do que qualquer outra coisa no mundo.

Esse era o problema, é claro. Benny havia tomado o lugar de Deus. Eu o havia equiparado a Deus. Eu permiti que ele ocupasse o lugar de Deus em minha vida. Eu cometi o erro de colocar um ser humano à frente de Deus.

Em meu desespero, senti que não tinha escolhas. Não havia amanhã. Não havia nem mesmo o presente. Eu me levantei e tentei me recompor. Abri o armário de remédios. A primeira coisa que vi foi a lâmina de barbear. Eu a peguei em minhas mãos. Eu a encarei. Aquela era a ferramenta do Anjo da Morte. Eu cambaleei. Consegui entrar na banheira; eu me sentia completamente entorpecido. De alguma forma, consegui pressionar lentamente e deliberadamente a lâmina na pele e na carne dos meus pulsos. As veias se romperam e liberaram seu fluido escuro. Era mais espesso do que eu esperava, e mais escuro. Eu sentia uma sensação física de entorpecimento tomando conta de mim. Eu adormeci, embora não estivesse nem um pouco consciente disso.

O sonho continuou; eu tinha uma sensação de estar vivo, mas de estar dormindo, de flutuar, de desaparecer e de ficar cada vez mais pesado. O sonho se transformou em um pesadelo perturbador. Em algum lugar, eu podia ouvir gritos. Grito após grito chegava até mim, mas eu não conseguia reagir.

Mais tarde, soube que Benny, a pessoa com quem eu havia terminado, entrou no banheiro e me encontrou na cena horrível que eu havia criado. Ele gritou e correu para a casa dos vizinhos. Bem, minha vizinha Marianne e alguns de seus filhos entraram e assumiram o controle. Eles amarraram meus pulsos com panos e me levaram correndo para o hospital de emergência. Acabei no Hospital Geral do Condado de Los Angeles.

Quando cheguei lá, já havia recuperado a consciência e estava completamente despedaçado. Eu não sabia se viveria ou morreria. E eu estava com medo. Se alguma vez eu tive um colapso nervoso, foi naquele momento. Eu chorei por pelo menos três horas enquanto esperava por algum tipo de atendimento médico. Os casos de emergência estavam realmente enfileirados.

Bem, eu estava sentado lá, chorando incontrolavelmente, quando alguém passou na minha frente e ficou parado por um minuto. Eu percebi aquela pessoa, como uma sombra diante de mim. Essa pessoa se abaixou e colocou uma revista religiosa em minhas mãos e disse: "Aqui. Alguns de nós nos importamos com você!".

Eu olhei para cima, atordoado, e encarei aquela mulher negra. Suas palavras me atingiram como um tapa no rosto. Aquilo me tirou da depressão, apenas por ouvir que alguém se importava.

Então a mulher se virou e foi embora. Eu nunca soube o nome dela, mas, quando percebi que ela havia ido embora, me lembrei de Deus. Minha mente começou a funcionar, como se alguém tivesse acionado um interruptor dentro dela. Finalmente, me lembrei de que havia me esquecido completamente de Deus. Deus ainda estava lá. Fazia tanto tempo que eu não tinha certeza absoluta de que Deus realmente existia.

Parei de chorar, olhei para meus pulsos ensanguentados e enfaixados e disse: "Tudo bem, Senhor, eu cometi alguns erros terríveis. Apenas me ajude a lidar com eles.". Senti um peso sair da minha vida. Toda a minha atitude em relação a Deus, à morte e à vida havia mudado. Eu sabia que Deus se importava comigo e que Deus estava comigo, o tempo todo — onde quer que isso me levasse.

Durante aqueles dias, passei a depender muito do meu amigo e colega de quarto, Willie Smith, que demonstrou um grande interesse por mim. Ele estava trabalhando na noite em que tentei cometer suicídio. Ele não soube de nada até o meio-dia do dia seguinte. Isso o abalou. Mas ele ficou ao meu lado.

E meus vizinhos foram de grande ajuda. Marianne e seus filhos estavam tão ansiosos para me ajudar. Eles me vigiavam de perto. Uma das grandes amigas de Marianne era uma mulher negra que era ministra e de quem ela sempre falava. Bem, finalmente conheci a amiga ministra dela. Ela era baixinha e direta, e seu nome era Vera Hockset. E ela era realmente incrível. Ela tinha uma percepção notável, dada por Deus, sobre a vida das pessoas.

Então, em uma tarde de domingo, finalmente conheci Vera. Ela perguntou como estavam as coisas comigo.

E eu disse: "Ah, estou muito bem.".

Ela olhou diretamente para mim e disse: "Bem, na verdade não.".

Isso me abalou um pouco.

Conversei com Vera, e sua sinceridade me comoveu e tocou meu coração de alguma forma. Vera continuou:

"Você tem algum parente que era ministro? Um parente falecido?".

Eu disse a ela: "Sim, eu tinha um tio-avô falecido, e ele era um ministro pentecostal.".

Vera continuou: "Você é um ministro. Sempre foi, e não demorará muito para que você pastoreie uma igreja.".

Eu apenas ri. Eu disse: "Não, eu nunca pastorearei uma igreja.".

Ela olhou severamente para mim e disse: "Ah, sim, você vai. Deus tem um ministério para você.".

Isso me deixou atordoado. Toda a minha vida, sempre ouvi isso de pessoas que realmente me conheciam. E ali estava uma completa estranha me dizendo a mesma coisa. Minha tia Bea costumava dizer a mesma coisa repetidamente. Eu me lembrei que, certa vez, tia Bea havia dito: "O Senhor tem um ministério para você. Um grande ministério, mas não será na igreja em que você está agora.".

Eu sorri para Vera e disse: "Não, isso nunca vai acontecer.".

Mas ela superou meu sorriso com um dos seus, que vinha de sua própria compreensão básica e calor humano. Ela começou a me contar muitas coisas sobre mim — coisas que ninguém mais poderia saber. Isso realmente me abalou, e eu sabia que ela não era uma mulher comum.

Ela tinha poderes de percepção que só podiam vir de Deus.

Durante esse período, eu orei muito. E o Senhor começou a trabalhar em mim. As coisas ficaram mais fáceis. Minhas atitudes mudaram. Finalmente, com a ajuda e a compreensão de Deus, fiquei convencido de que Ele estava me guiando para uma missão, e que uma visão dessa missão seria revelada a mim. E eu sabia que, quando isso acontecesse, eu nunca deveria olhar para trás; eu nunca precisaria. Minha jornada seria para frente. Meu caminho seria claro. Eu conheceria meu trabalho. Seria difícil, mas eu dedicaria minha vida a ele.

Parte 02

Em 1968, Troy Perry ficou chocado quando seu amante, Benny, anunciou que o relacionamento deles havia terminado. Em seu desespero e depressão, Perry tentou suicídio. Após a tentativa frustrada de suicídio, Perry experimentou um renovado senso de espiritualidade. Ele começou a orar novamente. E ficou perplexo com as palavras de uma estranha que profetizou: "Deus tem um ministério para você. Você vai pastorear uma igreja.". Naquela época, isso estava longe da mente de Troy Perry. Ele retoma a história compartilhando eventos que ocorreram após a tentativa de suicídio.

Eu orava e conseguia sentir a presença de Deus. Deus era a fonte de poder, autoridade, calor e compreensão. Deus era a força do bem, da energia, de acontecimentos criativos e positivos. Após minha tentativa de suicídio, eu frequentava os pontos de encontro gay de vez em quando. Geralmente, ia com meu amigo e colega de quarto, Willie Smith, em suas noites de folga.

Desenvolvi uma amizade com um jovem chamado Carlos. Nós costumávamos conversar sobre nossas crenças básicas, mas Carlos nunca permitia que eu mencionasse qualquer coisa sobre crenças religiosas. Ele havia mencionado que pertencera a uma igreja, mas, assim como Willie Smith, para ele aquilo não era a resposta.

Então, Carlos foi preso pela polícia.

Por quê? Bem... apenas por comprar cerveja em um bar gay. Ele não havia feito absolutamente mais nada. Era assim que a polícia costumava assediar a comunidade gay. Ele estava lá comigo e com alguns amigos nossos. Foi tão injusto.

Eis o que aconteceu:

Carlos comprou algumas cervejas e voltou para nossa mesa, começando a se sentar. Um policial à paisana se aproximou dele, mostrou um distintivo e disse: "Venha comigo para fora!".

Eles levaram Carlos para fora, junto com outro amigo nosso, Bill. Ambos foram acusados de conduta indecente, algemados, revistados e levados para a cadeia.

Nós agimos rápido.

Alguns de nós foram direto para a cadeia. Era onze horas da noite. Eu sabia que Carlos não havia feito nada de errado. Ele não infringiu nenhuma lei, e estou convencido disso até hoje. Mas levei até as 5h30 da manhã para conseguir soltar Carlos. Tudo isso devido às táticas de atraso da polícia. O processo de registro, as fotos de identificação, a coleta de impressões digitais — tudo levou horas. Era parte do assédio que ocorria com muita frequência contra a comunidade gay naquela época.

Quando finalmente vi Carlos, pude perceber que ele estava mais abalado do que eu. E eu já estava muito chateado.

Levei Carlos para casa comigo. Eu queria que ele se limpasse, se recomponha e comesse algo. Então, faríamos planos sobre o que fazer.

Carlos disse: "Sabe de uma coisa? Eu nunca fui preso antes por nada na minha vida. Nunca! E agora tenho 26 anos. A polícia ficou me dizendo que ia ligar para o meu empregador e contar que eu sou gay. Provavelmente vou perder meu emprego. Sabe, Troy, eu aprendi uma coisa com essa experiência: as pessoas não se importam de verdade. Ninguém gosta de um viado."

Eu tentei ser útil. "Bem, Carlos, mesmo que as pessoas não se importem, eu ainda acredito que Deus se importa com você.".

Carlos apenas riu com amargura. "Ah, Troy. Deus não se importa comigo.".

Com isso, ele se virou e foi embora. E quando ele saiu, senti o peso do desastre dele sobre mim.

Eu já havia me reconectado com Deus o suficiente para saber que poderia falar com Ele. Então, me ajoelhei e disse: "Tudo bem, Deus, se for Tua vontade; se Tu quiseres que eu veja uma igreja iniciada como um alcance em nossa comunidade, apenas me avise quando.". E ouvi uma voz suave e pequena dentro de mim dizer:

"Agora!".

Meu caminho estava traçado! Eu tive que lutar para evitar que isso ocupasse todos os meus pensamentos enquanto estava no trabalho. Eu sabia que a missão estava se tornando clara. Deus queria que eu iniciasse uma nova igreja que alcançasse a comunidade gay, mas que incluísse qualquer pessoa e todos que acreditassem no verdadeiro espírito do amor, da paz e do perdão de Deus.

Minha experiência de aprendizado se acelerou. O Senhor estava realmente me preparando. Eu sabia que a palavra "igreja" estaria no título. No meu tempo livre, eu costumava pensar e orar sobre que tipo de igreja Deus queria que eu fundasse. Eu me sentava naquele pequeno escritório atrás do departamento de tecidos da Sears e orava, pensava e sonhava. Eu sabia que Deus queria uma igreja onde Ele pudesse agir. Acho que é por isso que "igreja" sempre esteve no título.

Então, eu perguntava ao Senhor se deveria ser realmente um alcance na comunidade gay. Assim, a palavra "comunidade" entrou no título. Quanto mais eu pensava nisso, mais eu gostava.

Comunidade significava um sentimento de camaradagem, uma pequena área, um lugar onde você conhecia todo mundo. Então, seria uma igreja da comunidade. Nós também serviríamos a uma grande comunidade; serviríamos a toda a área de Los Angeles. Los Angeles é uma grande área urbana, então a palavra "metropolitana" finalmente veio à mente e ficou.

Então, eu tive que pensar em como alcançaria a comunidade gay.

Sempre existe o marketing "boca a boca", mas cultos e religião geralmente não fazem parte disso.

Durante esse período de planejamento e preparação, eu era uma pessoa tão feliz. Willie Smith me via andando pela casa cantarolando, sorrindo e cheio de energia. Um dia, ele me questionou sobre isso.

Ele disse: "O que está acontecendo com você?".

Então, fui sincero com ele. Eu disse: "Bem, Willie, tenho certeza de que Deus quer que eu inicie uma nova igreja.".

Willie simplesmente desabou e disse: "Ah, meu Deus, pensei que você já tinha superado toda essa bobagem.".

Eu respondi: "Espere um minuto, Willie. Esta é uma igreja para nós, vai servir aos homossexuais, à comunidade gay.".

Bem, Willie achou aquilo uma loucura. Ele disse: "Quer dizer que você está realmente falando sério sobre essa coisa de religião?".

Eu garanti a ele que sim. Eu disse: "Eu sei, Willie, que é a coisa certa a fazer. Tenho que tentar ver se consigo levar uma mensagem, a mensagem de Deus, para todas as pessoas gays.".

O que Willie queria saber era isto: "Como você vai organizar um bando de 'queens' e fazê-las seguir qualquer religião, ou qualquer pessoa, ou fazer qualquer coisa juntas? Você sabe como somos implicantes. Sempre agimos individualmente. Ninguém nunca organizou a comunidade gay em nada e conseguiu algo. É ridículo.".

Eu disse a Willie que iria em frente de qualquer maneira. "E," acrescentei, "vamos fazer isso bem aqui.".

Willie ficou horrorizado.

Ele disse: "Você deve estar brincando. Já sou demais para Huntington Park. E você vai trazer todos aqueles 'viados' de Hollywood para cá, entrando e saindo da nossa casa para participar de cultos? O bairro não vai aguentar a pressão!".

Ele olhou para mim de novo e disse: "Tudo bem. Se você vai fazer isso, vá em frente. Mas não fique muito decepcionado se não der certo. Ajudar 'queens' a encontrar religião não é o forte de ninguém.".

Então ele acrescentou: "Mas se funcionar... conte comigo.".

Então, perguntei a Lee Glaze, dono do bar gay The Patch, sobre isso. Lee achou que seria ótimo. Perguntei a ele qual ele achava que era a melhor maneira de alcançar a comunidade gay. Ele pensou um pouco.

Enquanto ele pensava, eu disse: "Acho que vou anunciar no The Advocate. O que você acha disso?".

Ele disse: "É uma ótima ideia. Na verdade, acontece que o editor do The Advocate e seu amante estão aqui no The Patch esta noite. Você gostaria de conhecê-los?".

Eu estava ansioso para isso, então fui até o pequeno escritório de Lee, perto do bar. Ele trouxe Dick e Bill e fez as apresentações. Começamos a conversar e expliquei meus planos. Eles estavam céticos em relação ao que eu estava tentando fazer. Seria algum tipo de empreendimento comercial? O que exatamente eu estava planejando? Eles não tinham certeza se queriam me vender qualquer espaço publicitário. Então, realmente fiz minha apresentação. E, quando terminamos, não apenas aceitaram o anúncio, mas também me ofereceram um bom preço. Além disso, disseram que talvez, apenas talvez, até comparecessem a um culto na Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM), se ela realmente começasse.

Naquela época, The Advocate era publicado apenas uma vez por mês. Decidi que anunciaria na edição de outubro, que chegaria às ruas na última semana de setembro. Assim, defini a data para o meu primeiro culto: 6 de outubro de 1968. Eu teria cerca de duas semanas entre a publicação do primeiro anúncio e o primeiro culto.

Cerca de dez dias antes do primeiro culto, minha mãe veio me visitar. Ela e seu marido estavam se separando, e ela planejava voltar para a Flórida para passar um tempo. Ela sabia, é claro, sobre minha tentativa de suicídio e, desde então, mantinha um contato muito mais próximo comigo. Eu a visitava sempre que podia.

Mais uma vez, vou deixá-la contar, com suas próprias palavras, como viu aquele momento:

"Um dia, fui visitar Troy em sua casa em Huntington Park. Ele parecia um pouco distraído, e eu temia que estivesse perdendo o interesse na fé, na igreja, em qualquer tipo de religião. Então, enquanto conversávamos, perguntei: ‘Troy, você já pensou em fundar uma igreja?’ Bem, aquilo o surpreendeu. Acho que eu realmente li sua mente.

Ele então me contou que um amigo seu havia sido preso — ou ‘busted’, como eles dizem — por alguma acusação relacionada à homossexualidade. E ele falou sobre o quanto aquele rapaz precisava de ajuda. Então eu disse a Troy: ‘Mas você nunca pensou em começar uma igreja para homossexuais?’.

Naquele instante, algo mudou nele. Ele me olhou e aquilo foi decisivo. Disse que era exatamente sobre isso que vinha orando e que era isso que faria. Seu olhar ficou intenso e determinado. Ele disse que essa ideia estava dominando sua mente há várias semanas.".

Então, comecei a compartilhar meu sonho de fundar a igreja com gays e lésbicas. A maioria reagia da mesma forma que Willie Smith havia reagido. Alguns me disseram para desistir. Afinal, passamos gerações, séculos até, carregando aquela terrível convicção de que, se você fosse homossexual, não poderia ser filho de Deus; não poderia ser cristão.

Eu sabia que estava tentando mover areia contra a maré ao iniciar esse projeto.

Parte 03

Em 1968, Troy Perry ficou atordoado quando seu companheiro, Benny, anunciou que o relacionamento deles havia terminado. Em seu desespero e depressão, Perry tentou suicídio. Após a tentativa fracassada, ele experimentou um renovado senso de espiritualidade. Ele começou a orar novamente e ficou perplexo com as palavras de um estranho que profetizou: "Deus tem um ministério para você. Você vai pastorear uma igreja.". Naquela época, isso estava longe dos pensamentos de Perry. Por volta do mesmo período, um amigo gay de Perry foi assediado e preso pela polícia. Em seu desespero, o jovem disse a Perry: "Deus não se importa. Deus não se importa com as pessoas gays.". Isso motivou Perry a realizar o primeiro culto da Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM).

Finalmente, o primeiro culto de domingo chegou — 6 de outubro de 1968.

Eu estava nervosamente observando a porta, preocupado demais. Eu havia limpado a sala de estar, arrumado algumas cadeiras e usado a mesa de centro como altar. Tinha emprestado uma túnica do ministro congregacionalista que eu havia ajudado anteriormente. Ele insistiu que eu pregasse de túnica nesse primeiro culto. Emprestei algumas bandejas de amigos muito próximos, Steve e seu companheiro, Lynn, para a comunhão. Preparei tudo e fiquei na cozinha.

Nossa casa era daquelas em que, da porta da frente, você podia ver até o fundo. Eu podia ficar na cozinha e olhar pelo corredor até a porta da frente. Andava nervosamente em minha túnica emprestada, segurando a Bíblia, folheando-a. Então, as pessoas começaram a chegar.

Meu colega de quarto e querido amigo, Willie Smith, as recebia, cumprimentava e as acomodava. Um amigo nosso trouxe seu irmão heterossexual e a namorada dele. Outras pessoas apareceram. A maioria havia ouvido falar sobre o culto, mas, finalmente, três pessoas chegaram que tinham lido o anúncio no The Advocate.

Havia 12 pessoas na sala de estar. Eu saí, pedi para todos se levantarem e disse: "Vamos orar ao Senhor.". Demos as mãos e oramos. Depois, disse: "Vamos cantar alguns hinos.". Convidei todos a abrirem em uma página do hinário. Tínhamos emprestado os hinários da igreja congregacionalista onde eu havia sido pregador convidado na Páscoa anterior. Ninguém sabia o que esperar. Todos estavam tão assustados quanto eu. Eles esperavam que eu liderasse o canto. Então, eu o fiz. Minha mãe sempre dizia: "Meus meninos não cantam muito bem, mas cantam alto.". E isso nunca foi tão verdadeiro.

Enquanto cantávamos, lembrei-me da reação da minha vizinha, Marianne Johnston, à igreja. Ela achou a ideia adorável, mas disse: "Vocês serão invadidos durante o primeiro culto.".

Eu ri e disse: "Bem, eu gostaria que a polícia entrasse. Não me incomodaria nem um pouco.".

Cantamos vários hinos. Soávamos um pouco fracos e metálicos, mas o espírito era o que importava. Não tínhamos piano ou qualquer tipo de acompanhamento. Willie Smith estava lá, mas não tinha certeza se queria fazer parte disso. Ele ainda não sabia exatamente o que pensar.

Lembro-me de ter assegurado a Willie, pouco antes de começarmos, que Deus estava nisso. Eu disse: "Agora sei que estarei na perfeita vontade de Deus. Não na vontade permissiva de Deus, como estive em minha vida passada.".

Bem, oramos novamente e então relaxei.

Apresentei-me.

Falei sobre onde nasci, minha idade, meu nome, meu casamento, meus filhos, minha formação religiosa, onde frequentei o ensino médio e a faculdade. Falei sobre as igrejas que pastoreei na Flórida, Illinois e Califórnia. Disse que a de Santa Ana foi a última que pastoreei em 1963, e aqui estávamos agora, após meu período no exército. Contei-lhes que era gerente de divisão de um dos maiores varejistas de Los Angeles e que continuaria assim até que a igreja fosse grande o suficiente para sustentar um ministro em tempo integral. Mesmo então, eu tinha certeza de que esse tempo chegaria.

Então, apresentei a igreja.

Disse que a igreja foi organizada para servir às necessidades religiosas, espirituais e sociais da comunidade homossexual da grande Los Angeles, mas esperava crescer para alcançar homossexuais onde quer que estivessem. Deixei claro que não éramos uma igreja gay — éramos uma igreja cristã, e disse isso no meu primeiro sermão. Também lhes disse que seríamos uma igreja protestante geral para ser inclusiva. Então, orei novamente.

E então entrei na minha mensagem bíblica.

Meu sermão foi intitulado "Seja Fiel a Você". Foi inspirado pelo conselho de Polônio a seu filho, Laertes, quando o jovem estava prestes a partir. É no início da peça Hamlet, de Shakespeare, e vem daqueles versos que dizem:

"Acima de tudo: Sê fiel a ti mesmo, E deve seguir-se, como a noite ao dia, não poderás então ser falso para nenhum homem.".

Então, passei de Shakespeare para a história de Jó, para o Livro de Jó, capítulo 19, versículos 1-26, e os li em voz alta:

"Ah, quem me dera que minhas palavras fossem escritas! Quem me dera que fossem gravadas num livro! Que fossem esculpidas com um estilete de ferro e chumbo na rocha para sempre! Pois eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim se levantará sobre a terra. E depois que os vermes tiverem destruído este corpo, ainda em minha carne verei a Deus."

Jó aprendeu a ser verdadeiro consigo mesmo. Ele nunca vacilou depois que tomou sua decisão e soube que fora chamado por Deus. Seus amigos vieram e lhe disseram que ele devia ter pecado de alguma forma, pois, do contrário, não estaria passando por todas aquelas provações. Ele perdeu sua família.

Tudo de terrível aconteceu com ele. Mas a resposta de Jó para eles foi: "Ainda que Deus me mate, nele esperarei. Sairei como ouro puro.". Mesmo passando pelo fogo do refinador, ele sabia que venceria. E eu sabia que nós, na Igreja da Comunidade Metropolitana, também poderíamos fazer isso.

Também preguei sobre Davi e Golias. Davi disse que o mesmo Deus que o protegeu quando ele teve que lutar contra um urso e contra um leão o protegeria novamente. Mesmo quando as coisas parecem terríveis para nós na comunidade gay, Deus pode ajudar. E podemos vencer, mesmo quando tudo parece estar contra nós. Então, eu disse:

"Seja verdadeiro com você. Acredite em si mesmo e acredite em Deus. Você precisa acreditar em si mesmo primeiro como ser humano, e então Deus poderá ajudá-lo. Você não é apenas um indivíduo em meio às circunstâncias, mas sempre será uma criatura feita por Deus.".

Eu ressaltei que devemos ser, primeiro, seres humanos humildes e espirituais, e, depois, homossexuais. Precisamos amar e construir, libertar a nós mesmos e libertar os outros de seus sentimentos contra nós. Encerrei meu sermão com uma citação da Epístola de São Paulo aos Filipenses, capítulo quatro, versículo treze, que diz:

"Posso todas as coisas naquele que me fortalece!".

Depois de terminar a pregação, fechei minha Bíblia e soube que Deus estava naquele lugar.

Orei novamente e, em seguida, olhei para cima e disse: "Teremos uma comunhão aberta.". Não havia um único olho seco no lugar. Um silêncio tomou conta do ambiente, e todos naquela pequena sala de estar choravam em silêncio. Todos sentíamos que fazíamos parte de algo grandioso. Deus estava se preparando para agir. Veríamos as obras de Deus, e isso seria inacreditável.

Ofereci a comunhão. Apenas três pessoas vieram à frente para receber o pão e o vinho, mas estavam em lágrimas. E então servi a comunhão para mim mesmo.

Encerramos com uma oração de bênção. Depois, convidei a todos para ficarem para o café e o bolo.

Nos reunimos e simplesmente não conseguíamos parar de chorar. Sentamos juntos e dissemos que havíamos sentido o Espírito do Senhor. Um jovem veio até mim e disse:

"Oh, Troy, Deus esteve aqui esta manhã! Eu não entrava em uma igreja há oito anos. E mesmo quando eu ia à igreja antes, nunca senti nada parecido com o que senti aqui nesta manhã, nesta sala de estar.".

Quando o culto finalmente terminou, Willie Smith disse que havia sido profundamente tocado. Mas insistiu que ainda não sabia se a igreja realmente iria se firmar e crescer.

Eu disse: "Willie, só Deus sabe a resposta para isso.".

Parte 04

O primeiro culto da ICM aconteceu em 6 de outubro de 1968. O amigo e companheiro de quarto do Rev. Troy Perry, Willie Smith, estava cético em relação aos planos de Perry para uma igreja que ministrasse às comunidades GLBT. Mas, após o primeiro culto, sua maneira de pensar começou a mudar.

Depois daquele primeiro culto, o coração de Willie começou a mudar. Ele disse: "Esta igreja ICM pode realmente dar certo, e quero que você saiba que estou com você o tempo todo, 100%. E farei tudo o que puder para que funcione.".

E ele fez. Ele começou ali mesmo.

Para o domingo seguinte, Willie conseguiu um toca-discos e alguns discos de música religiosa para que todos pudéssemos cantar junto. Além de ser um excelente projetista, Willie também era cantor e diretor musical. Ele fez dessa função o seu trabalho na nova igreja.

No domingo seguinte, éramos 14 em vez de 12. Levantei-me, olhei ao redor e disse: "Se você ama o Senhor nesta manhã, diga 'amém!'". Todos responderam em coro: "Amém!". E tem sido assim desde então. Também louvei ao Senhor porque estávamos crescendo.

No domingo seguinte, éramos 16, e eu me levantei e disse: "Olhem para isso. Obrigado, Jesus, estamos em movimento!".

Mas, no quarto domingo, havia apenas nove pessoas, e eu quase morri de desânimo. No entanto, mais uma vez, Deus havia me preparado. Ele me deu um sermão intitulado "Não despreze o dia das pequenas coisas". E Deus me deu esse sermão para Troy Perry, não para ninguém mais ali.

Lee, um amigo dos tempos do exército e agora um dos frequentadores regulares, disse: "Naquela manhã, quando você olhou para o grupo e viu que havia diminuído, percebi que você ficou abalado. Mas então você se levantou e pregou, e pregou como se realmente acreditasse naquilo. Eu vi que você realmente acreditava.".

Eu respondi: "Bem, esse foi um sermão que Deus me deu especialmente para mim.". No domingo seguinte, tivemos 22 pessoas presentes.

Nossa frequência subiu novamente, e desde então nunca mais caiu.

À medida que começamos a crescer e atrair pessoas de diferentes origens, percebi que precisaríamos resolver questões de organização, administração, doutrina e liturgia o quanto antes. Todos precisavam conhecer a igreja, confiar nela e realmente se sentir parte do seu corpo, da sua identidade.

Eu sabia que não estava fundando mais uma igreja pentecostal. Eu estava iniciando uma igreja verdadeiramente ecumênica. Perguntei sobre o histórico religioso dos primeiros 12 membros. Eles eram católicos, episcopais e pertenciam a diversas denominações protestantes. Busquei fervorosamente servir a um espectro amplo da nossa população. A igreja precisava ser compreensível para a maioria, algo com o qual pudessem se identificar facilmente, sem parecer estranha ou incomum. Para mim, ela deveria ser tradicional, parecida com aquelas que as pessoas frequentaram na infância ou, pelo menos, não muito diferente.

Ela precisava ser completamente honesta. Eu sabia que não poderia brincar com isso.

Meus sermões teriam que continuar como sempre foram: relacionados às Escrituras e a Deus. Eu sabia que essa seria a parte mais difícil. Não sou um intelectual. Nunca me considerei um tipo de pregador que exige que as pessoas levem um dicionário para entender suas palavras. Sempre me vi como um pregador, não como um professor. Mas agora eu sabia que precisava ser ambos, especialmente para aqueles que estavam indo à igreja pela primeira vez ou que haviam passado anos sem contato com Deus ou com qualquer religião organizada.

Além disso, eu precisava restabelecer os laços antigos com Deus, mas de uma maneira nova, que fosse significativa para a nossa comunidade.

Embora eu tenha me tornado pastor e fundador, não me sinto realmente como um pastor, pelo menos não no sentido em que costumava pensar sobre pastorear. Um pastor tem todo o tempo

do mundo para se dedicar à sua congregação e conhece todos pelo primeiro nome. Eu era assim, mas não demorou muito para crescermos tanto que isso se tornou impossível. Sou um exortador, um pregador do púlpito, um evangelista.

Continuamos veiculando nosso anúncio no The Advocate. E também recebemos uma ótima cobertura de notícias desse jornal. Nós éramos notícia na comunidade gay. A maioria dos jornais tradicionais, especialmente as colunas religiosas, nos ignorava. Eles achavam que, se simplesmente fingissem que não existíamos, nós deixaríamos de estar ali. Mas as pessoas continuavam vindo, e continuávamos crescendo. Ainda realizávamos os cultos na minha casa, que já estava lotada. Estávamos procurando outro lugar para realizar os cultos. Precisávamos de ajuda em todas as frentes. Eu precisava de outras mentes teológicas para me ajudar a consolidar o caminho que estávamos trilhando.

E Deus enviou essas pessoas para nós.

Um dia, um homem ligou e pediu para se encontrar comigo. Nos encontramos em uma cafeteria próxima. Sentamos, fizemos nossos pedidos e ficamos sozinhos em um canto, como ele havia sugerido. O café chegou, e eu perguntei:

"O que está em sua mente?".

"Também sou ministro," ele respondeu. "Sou professor em uma faculdade cristã aqui na região, onde sou reitor. Mas percebi que o que você está fazendo é um passo necessário em uma nova direção. E estou interessado em participar.".

Tivemos uma longa conversa, e foi assim que meu primeiro ministro auxiliar chegou. Muitos outros vieram depois, mas o Reverendo Richard Ploen foi o primeiro. Fiquei muito feliz por tê-lo conosco, tanto por sua formação acadêmica quanto por seu trabalho como missionário. Eu sabia que ele seria fundamental para estabelecer um programa educacional.

Precisávamos de um programa contínuo e intenso de educação cristã, e Richard Ploen mergulhou nesse trabalho. Seu histórico intrigava muitas pessoas. Ele havia sido missionário no Sudão, na África. Entre suas muitas habilidades, ele dominava a linguagem de sinais para surdos-mudos. Ele ensinou essa linguagem na ICM e criou um espaço onde outros surdos-mudos pudessem transmitir o sermão em sinais. Hoje, outras pessoas continuam esse trabalho e ministram esses cursos.

Richard tem um ***Mestrado em Divindade*** pelo *Pittsburgh Theological Seminary* e um ***Mestrado em Educação Cristã*** pela *Presbyterian School of Christian Education*. Ele é um estudioso incansável e, sem dúvida, um pilar sólido do cristianismo.

Tivemos poucos problemas com a doutrina. Era uma igreja do ***fazer***: ***faça*** amar a Deus, ***faça*** manter-se firme, ***faça*** caminhar com orgulho, ***faça*** amar o seu próximo como a si mesmo. Essas eram as coisas que queríamos afirmar de maneira positiva. E, devido ao grande número de católicos, episcopais e luteranos em nossa congregação, nos apoiamos fortemente nesses rituais.

Então, começamos a nos organizar.

Definimos procedimentos padrões, como o da comunhão. Ela sempre seria uma ***comunhão aberta***. Sempre deixaríamos claro que era assim. Estenderíamos um convite para que ***todos*** viessem à mesa do Senhor. Nos prepararíamos com um ato público de confissão. Pediríamos

absolvição, e ela seria concedida. Então, participaríamos da ceia do Senhor, tomando o pão mergulhado no vinho.

Utilizamos os livros de culto das igrejas Episcopal, Presbiteriana e Luterana, bem como aqueles que membros da congregação desejavam considerar. Experimentamos e nos adaptamos. Pode parecer uma mistura caótica, mas o que surgiu foi um ritual bem organizado, com uma linha clara que permite improvisação ou mudanças quando necessário dentro da igreja.

Mas não eram os mecanismos do culto que nos preocupavam. O mais importante era a essência do ato de adoração, que estava no centro de nossos serviços. Tínhamos diversidade. Precisávamos disso.

Nossa igreja era uma igreja atuante, ativa, em crescimento. Sabíamos que a adoração a Deus vem do coração. Por isso, sempre fomos livres para nos mover e crescer. Sempre foi assim. Acreditávamos que a diversidade, a liberdade e a sinceridade genuína do culto nos uniriam em unidade. E foi o que aconteceu.

Lançamos uma revista chamada *In Unity* (Em Unidade). Mais tarde, ela se tornou *Keeping In Touch* (Mantendo Contato). Com o advento da internet, evoluiu para um boletim digital por e-mail, que hoje se chama *LeaderLink*. Quando finalmente obtivemos nossa carta constitutiva, foi como a ***Fraternidade Universal das Igrejas da Comunidade Metropolitana***. Dentro dessa organização, estabelecemos missões, novas congregações e estruturamos todo um programa de ação social, econômica e política.

Tínhamos cerca de dez semanas de existência quando realmente tivemos que mudar de local para acomodar a crescente quantidade de pessoas. Já éramos três dúzias reunindo-se todo domingo. Ainda estávamos na infância como igreja, mas estávamos prosperando. Nada poderia nos deter.

Todos sentíamos a emoção da descoberta e, às vezes, a desajeitada dor do crescimento. Sabíamos que estávamos às portas de algo grandioso. Deus estava nos guiando, e Deus estava em movimento. Tínhamos que obedecer ao chamado de Deus.

As pessoas ***saíam das sombras***, ***dos armários***, ***dos mundos invisíveis***. Elas eram atraídas pela Igreja da Comunidade Metropolitana. Mas para quê?

Algumas vinham por curiosidade.

Algumas vinham incrédulas.

Éramos novos.

Éramos uma novidade.

Éramos um ***assunto*** no mundo gay.

Éramos ***ignorados*** no mundo heterossexual.

Mas nem todos no mundo heterossexual fingiam que não estávamos ali. Sociólogos, profissionais, professores, psicólogos e pessoas esclarecidas vieram. Eles fizeram uma contribuição imensa e duradoura.

Nossa igreja proporcionava um sentimento de liberdade para adorar, para caminhar com Deus. Sabíamos que estávamos ao lado de Deus porque Deus também nos amava. Não excluímos ninguém. Acolhemos todos. E ainda fazemos isso. Heterossexuais participaram de nossos primeiros cultos. E participam até hoje. Pelo menos 20% de nossa congregação é composta por pessoas heterossexuais. E seu envolvimento é tão significativo quanto o de qualquer outra pessoa.

E nunca paramos de crescer, desde aquele primeiro culto. Deus nos abençoou. Hoje, existem quase 300 congregações da ICM em 22 países ao redor do mundo. Mais de 43.000 pessoas se consideram membras ou aderentes das Igrejas da Comunidade Metropolitana — e a ICM já tocou a vida de centenas de milhares de pessoas ao longo dos últimos 36 anos.

Estou convencido de que, enquanto permanecermos fiéis ao chamado de Deus e à Sua Palavra, Deus continuará abençoando as Igrejas da Comunidade Metropolitana. Há um ditado antigo que diz:

"O futuro é tão brilhante quanto as promessas de Deus.".

E eu acredito nisso com todo o meu coração. Realmente acredito.